



BLOGUEIRAS NEGRAS: DISCURSO DE RESITÊNCIA ÉTNICO-SOCIAL DA MULHER NEGRA

Giselle Oliveira da Silva(IC)*,giselle.oliveira.moreira@gmail.com.

Débora Cristina Santos e Silva (PQ).

Ueg Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek, 146

Bairro: Jundiá

CEP: 75110-390

Cidade: Anápolis - GO

Resumo: Este trabalho consiste num projeto de pesquisa que propôs estudar o discurso de resistência da mulher negra em meio digital, considerando as relevantes contribuições para o resgate de sua identidade e empoderamento, no contexto da cibercultura contemporânea. Efetivamente, a relevância dessa temática decorre do fato de que a Internet, como ciberespaço de trocas e interações, consiste numa ferramenta significativa de comunicação. Nesse espaço de discussão e (re) afirmação de identidade, o combate ao racismo e a ressignificação feminina é fundamental para o empoderamento de uma classe intensamente estereotipada: a das mulheres negras. Verifica-se também atualmente a importância dessas demandas por reconhecimento de identidade-alteridade, advindas, em boa parte, das reivindicações dos chamados “novos movimentos sociais” e/ou “grupos minoritários”. O trabalho busca compreender o ciberespaço e a possibilidade de uma forma de produção e difusão dos discursos construídos coletivamente em grande escala, pois a liberdade virtual recria espaços sociais e potencializa a manifestação de identidades próprias.

Palavras-chave: Cyberespaço. Feminismo. Identidade. Racismo. Empoderamento

Introdução

Falar da mulher situada num contexto social é retratar uma dada herança cultural, o sentido de poder feminino e suas relações em um espaço territorial, inserido em uma sociedade essencialmente patriarcal e eurocêntrica. E o ciberespaço possibilita uma forma de produção e difusão dos discursos construídos coletivamente em grande escala, pois a liberdade virtual recria espaços sociais e potencializa a manifestação de identidades próprias. Essa dinâmica exerce um

REALIZAÇÃO



significativo fenômeno social que é a troca de influências (LEMOS, 2002). Nesse contexto, percebe-se a interação social como prática inovadora, pois não depende de espaço físico para o seu compartilhamento, uma vez que se trata de um processo individual intenso de modificação, proporcionando o surgimento de novos ambientes socioculturais, com seus paradoxos, transformações e sensibilidades humanas (SANTAELLA, 2003).

Entende-se, de forma geral, que o racismo está contextualizado em uma prática social histórica (HALL, 2003). Atualmente o termo “negritude”, surge como conceito de identidade do sujeito negro, como movimento político ideológico. A busca dessa identidade não se trata apenas do discurso de um povo oprimido, refere-se a alienação de seu corpo, sua história e política. A consequência desse problema é o sentimento de inferioridade, como ressaltam alguns autores: “Graças à busca de sua identidade, que funciona como terapia do grupo, o negro poderá despoja-se do seu complexo de inferioridade” (MUNANGA, 1986, p. 9). A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico a partir da relação com o outro, no qual certas características e certos objetos são escolhidos para representá-lo como um todo tornando sua identidade sólida e material.

Nesse âmbito, nosso objetivo nessa pesquisa foi discutir sobre o feminismo negro no ciberespaço. Assim, nossa pesquisa partiu dos seguintes objetivos: a). Contribuir para um maior o interesse na representação do discurso no ciberespaço; b). Promover conscientização relacionada ao racismo, bem como as conquistas dos direitos da mulher negra; c). Intercambiar as demarcações de identidade e discurso da mulher negra, provocando reflexões sobre o feminismo negro; d). Trabalhar o ciberespaço como função social e política.



Material e Métodos

Na primeira etapa (2/2017) foi realizada a pesquisa bibliográfica: leituras sobre cibercultura e narrativas, para fundamentação da análise das produções do blog *Blogueiras Negras*. Houve uma pesquisa em bancos de dados, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes, no intuito de verificar a temática. Realizamos encontros de discussões teóricas conjuntamente com coordenadora do projeto, fichando-se, resumindo e resenhando as leituras. Partimos da contribuição de autores como Foucault, Santaella, Hall, Munanga, dentre outros.

Foram realizadas atividades de transposição didática em oficinas, com o objetivo de promover análises de diferentes textos e adaptações fílmicas. Essas oficinas tiveram como finalidade, principalmente em jovens da periferia, de resgatar suas referências para que estes tenham contato com os meios de diferentes meios de produção sobre feminismo na cibercultura, ressaltando a importância de conhecer sua história e cultura, destacando as diferentes identidades de uma sociedade multirracial.

Na segunda etapa (1/2018) realizamos encontros de discussão teórica conjuntamente com coordenadora do projeto, fichando-se, resumindo e resenhando as leituras. As discussões e as produções escritas auxiliaram nas produções de artigos teóricos a respeito do tema, que foram apresentados em alguns congressos como o SEPE da Universidade Estadual de Goiás (UEG), e no IV SELT também na UEG.

Trabalhamos questões de discriminação racial a partir da literatura e cibercultura, usando como referencial as narrativas das blogueiras do site “Blogueiras Negras” esperamos promover diálogos e refletir sobre feminismo, em especial o negro, contribuindo para autoestima e possibilitando interação, autoconhecimento e humanização.



Resultados e Discussão

O cronograma das atividades da pesquisa foi cumprido, em reuniões semanais com o grupo ARGUS sobre orientação e coordenação da professora Dr^a Débora Cristina, tivemos leituras e discussões sobre literatura, narrativas e cibercultura. Este encontro tem sido de grande relevância, uma vez que as leituras e fichamentos, tem contribuído para aprimorar nossa base teórica e também nos auxiliado enquanto estudantes acadêmicos e nas nossas produções de artigos. Sobre a importância desses encontros do grupo ARGUS, as discussões e as produções escritas auxiliaram na produção de artigos teóricos a respeito do tema, que foram apresentados em alguns congressos.

Durante o Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão (SEPE) do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), realizamos uma comunicação oral, sendo inclusive premiada com o primeiro lugar de apresentação oral no seminário, realizou-se no mesmo evento, uma oficina para 30 participantes com a duração de 4 horas, ministrada em conjunto com os colegas do grupo Argus, cujo o tema foi: Narrativas autobiográficas ;Leituras de si a partir do imaginário. No IV Congresso de ensino, pesquisa e extensão (Cepe) sucedido no mês de outubro de 2017, apresentamos o tema da pesquisa no Selt (Seminário de Educação e Tecnologia).

Além dos congressos citados, no mês de novembro de 2017, no II encontro das crespas e cacheadas de Anápolis, realizou-se uma palestra na qual o tema foi, “O discurso de empoderamento da mulher negra”. Ainda no primeiro semestre, todos nós participantes do grupo ARGUS, realizamos juntamente com nossa coordenadora, oito oficinas e um sarau na Instituição Missão Vida da cidade de Anápolis, o objetivo dessas oficinas foi de juntamente com a coordenação da instituição, auxiliar com resgate de valores humanos dos internos. Em todos os

REALIZAÇÃO





eventos que participamos no último semestre, usamos como referenciais teóricos dados coletados desta pesquisa.

Tínhamos a intenção de realizara oficinas no Colégio Estadual Gomes de Souza Ramos, mas devido a uma mudança de cronograma na escola, não foi possível, quatro oficinas foram realizadas no Projeto de Educação Aberta (PREA) com duração de 50 minutos cada, para cerca de 80 alunos pré-vestibulandos, também foi realizado no mesmo local duas mesas redondas com participação de colegas professores que assim como eu participam do projeto como professores voluntários, foi realizado uma oficina no II Encontro das Crespas da cidade de Anápolis, no Projeto Missão Vida, realizamos oficinas em conjunto com os colegas do grupo ARGUS.

Os participantes das oficinas tiveram reações bem diferentes, apesar de ser um projeto de educação para pessoas de baixa renda, o número de pessoas negras participando do cursinho é baixo,¹ houve pouca identificação com a temática, e o tema levantou vários debates, alguns alunos revelaram achar que o site “Blogueiras Negras” bem como o movimento feminista negro, é extremamente radical e inútil, enquanto para outros disseram que se trata de algo válido para nosso contexto social atual. Realizamos no II Encontro das Crespas, uma oficina de 2 horas para cerca de 50 pessoas, em sua grande maioria, mulheres negras, a identificação com o tema e com os relatos do blog, foi imediata, houve muitos depoimentos de mulheres que sofreram preconceitos como relatados no site, quanto ao blog aceitar somente escritoras mulheres e negras, as participantes acreditam que é algo acertado, visto que espaços onde a protagonista é a mulher negra ainda é limitado.

¹ Ao realizar as oficinas e debates, pedimos para que os alunos produzissem textos com a temática, esse material está disponível para quem se interessar, não os colocamos neste relatório devido ao número limitado de páginas.



Considerações Finais

Entendemos que as oficinas realizadas nos proporcionaram experiências profundas que levaremos por toda nossa trajetória acadêmica e humana. Durante nossos encontros nós alunos e orientadora colaboramos uns com os outros, entre teorias e práticas, buscamos o entendimento da relação entre universidade, pesquisa e escola.

É importante, enquanto educadores, assumir um papel de compromisso político de problematizar questões etnocêntricas e excludentes para trazer reflexão histórica e questionamento, estabelecendo subsídios para promover debates e construir novas opiniões, pois “é necessário que se construa, como possibilidade real, uma escola que se apresente como instituição social vocacionada pela promoção de uma educação democrática, plural e antirracista.” (SILVA, 2011, p, 43)

Ao concluirmos nossa pesquisa, entendemos que as oficinas realizadas nos proporcionaram experiências profundas que levaremos por toda nossa trajetória acadêmica e humana. É importante, enquanto educadores, assumir um papel de compromisso político de problematizar questões etnocêntricas e excludentes para trazer reflexão histórica e questionamento, estabelecendo subsídios para promover debates e construir novas opiniões, pois “é necessário que se construa, como possibilidade real, uma escola que se apresente como instituição social vocacionada pela promoção de uma educação democrática, plural e antirracista.” (SILVA, 2011, p, 43). Ademais, trabalhar habilidades de leitura e compreensão do texto visual é fundamental para a formação do aluno como ser pensante e questionador.

Nessa breve reflexão, encerramos assim nosso projeto, que buscou pesquisar sobre a nova reconfiguração do movimento feminista que está diretamente ligada à essa cultura cibernética. Por meio consciente de uma identidade étnico-racial, a mulher negra constrói uma nova relação em que se identifica. Para indivíduos de uma classe historicamente objetivada, falar de si mostra uma singularidade que o faz



“ser” no mundo. (OLIVEIRA 2014). Nosso trabalho pedagógico se mostrou satisfatório, contribuindo para a formação de nós mesmos e de nossos alunos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado a graça de ser filha de Carlos Antônio da Silva, que com seu amor e suporte me ajudou a chegar até aqui e Denizete R. Oliveira da Silva que mesmo por pouco tempo na terra, me ensinou a ter orgulho de ser mulher e negra. À minha orientadora, Dra. Débora C. Santos e Silva, por tão generosamente compartilhar seus conhecimentos acadêmicos e mostrar o melhor caminho a seguir academicamente. À Universidade Estadual de Goiás (UEG), pelo apoio financeiro. Aos meus colegas do grupo ARGUS pela parceria

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.) **A aventura (auto) biográfica – teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BLOGUEIRAS NEGRAS. **Informação para fazer a cabeça**. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>. Acesso em 19/07/2018

COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L. & RABINOW, P. H. Dreyfus, P. Rabinow. **Michel Foucault** - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Ed. Florence Universitária 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Porto Alegre: Ed. DP&A, 2006.

LEMONS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

MUNANGA, Kabengelê. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986.

NEPABUCENO, Bebel. **Mulheres negras**: protagonismo ignorado. In: PINSKY,



V Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



OLIVEIRA, Anne-Marie **Escrita de si, poder e autorização**. Curitiba: Ed. CRV, 2014.

SILVA, Francisco Thiago. Currículo e Diversidade: Propostas para uma Educação Antirracista nos Anos Iniciais. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**. São Gotardo, 2011

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás